

Beleza e Vício: O olhar etnográfico dos irmãos Schomburgk (1835-1844)

Erwin H. Frank¹

Resumo

Neste ensaio tentamos ‘desenterrar’ e analisar alguns dos alicerces paradigmáticos do ‘olhar etnográfico’ que informa as anotações sobre povos nativos na ‘região circum-Roraima’ (Colson) nos escritos (publicados e inéditos) dos irmãos Robert-Hermann e de Richard (Moritz) Schomburgk, ‘naturalistas’ alemães da primeira metade do século XIX.

Palavras-chave: etnografia do Circum-Roraima, irmãos Schomburgk, *Völkerkunde*.

¹ Erwin H. Frank é, desde 1997, professor de história e teoria da antropologia da Universidade Federal de Roraima, onde coordena o Núcleo Histórico-Socioambiental, NUHSA. Após o seu mestrado e doutorado em Bonn, Alemanha, ele ensinou Antropologia em Berlim, na PUC-Quito (Equador), na FLACSO, sede Quito, e no NUHSA da UFPA antes de entrar nos quadros da UFRR. Ele realizou vários trabalhos de campo em Peru, Equador e Brasil, entre outros.

Abstract

In this essay, we try to ‘dig up’ and analyze some of the paradigmatic foundations of the ‘ethnographic view’ which informs the annotations about native people of the ‘circum-Roraima region’ (Colson) in published and unpublished works of Robert-Hermann and Richard (Moritz) Schomburgk, German ‘naturalists’ of the first half of the 20th century.

Key words: Circum-Roraima Indian ethnography, Schomburgk brothers, *Völkerkunde*.

Apresentação

Este ensaio² representa outro passo (Frank 2002, 2005; Koch-Grünberg 2006, *Introdução*: 17-28) de uma pesquisa dedicada à (etno)-história da área etnográfica “circum-Roraima” (Butt-Colson 1985) e, mesmo só indiretamente, também da etnografia da ‘*Völkerkunde*’, escola alemã de antropologia, surgida na segunda metade do século XIX³. Neste artigo,

² Uma versão inicial foi apresentada na 23ª Reunião ABA, Gramado 2002, no fórum “Relatórios de Viagem”, organizado por P.R. Albieri Nery, UFU. Outra versão foi lida na 25ª Reunião da ABA, Goiânia, em junho de 2006 (GT Saberes coloniais sobre os Indígenas em Exame, organizado por João Pacheco de Oliveira e John M. Monteiro). Inúmeras pessoas comentaram tanto as anteriores, como a atual versão do trabalho. Agradeço as suas contribuições.

³ A *Völkerkunde*, variedade ‘nacional’ (alemã) da antropologia, surgiu antes mesmo da unificação da vasta maioria dos estados de língua alemã (anteriormente independentes), sob a hegemonia prussiana, em 1870, e sobreviveu como tal até os tempos da República de Weimar. Desafortunadamente, a maioria das histórias clássicas da Antropologia simplesmente ignora a *Völkerkunde* (mas vide Lowie 1937 e Mühlmann 1948), ou a tratam como mera variedade regional, sem maior importância, de discussões paradigmáticas (sobre ‘evolução cultural’ e ‘difusão’) em outras partes, períodos e línguas (vide Harris 1970, Penniman 1970). Só nos últimos anos, esta avaliação parece estar mudando (vide Stocking [ed.] 1996;

buscamos fazer uma análise de alguns momentos que informam o ‘olhar etnográfico’ que gerou as anotações sobre povos nativos na região indicada, espalhadas pelos escritos (publicados e inéditos) dos irmãos Robert-Hermann e de Richard (Moritz) Schomburgk. Introduziremos nossa análise com um breve resumo da agitada *vita* de (Sir) Robert-Hermann, e com o pouco que sabemos de seu irmão.

Os irmãos Schomburgk: *vitae*⁴

Robert-Hermann e Richard (Moritz) Schomburgk nasceram filhos de um pastor luterano na pequena cidade de Freyburg an der Unstrut (Saxônia, parte então do Reino da Prússia), em 1804 e 1811, respectivamente. Não dispomos de informações seguras sobre as suas formações. Parece que foram instruídos em casa pelo próprio pai ou por professores contratados por ele. De qualquer maneira (como mostram as suas obras posteriores), eles alcançaram cedo um sólido domínio em história natural, filosofia e literatura alemã da época. Ainda adolescente, Richard começou a trabalhar como ajudante de jardineiro nos parques reais da Prússia⁵, e seu irmão se tornou ‘aprendiz’ nos negócios (comércio internacional) de um tio. Em 1826, aos 22 anos, Robert-Hermann emigrou para os Estados Unidos onde, em 1828, se tornou sócio de uma manufatura em Richmond, Virgínia, cuja bancarrota, poucos meses depois, acabou para sempre com as suas ambições comerciais. Nos anos seguin-

Penny & Bunzl [eds.] 2003; Penny 1999, 2002); até entre os próprios antropólogos alemães (vide Hermannstädter 2002; Kraus 2001, 2004).

⁴ Para esta parte do trabalho, vide Rivière 1995, 1998; Middlemann 1976; Ojer 1969; Virtualogy; e Weigl 2003.

⁵ Naquela época, um sólido domínio da botânica era ainda pré-condição indispensável para tal cargo.

tes, o alemão perambulou pelo Caribe, tentando a sua sorte como coletor de amostras para colecionadores privados e para museus de História Natural da Europa e dos Estados Unidos.

Em 1832, Robert-Hermann Schomburgk encontrava-se casualmente na ilha britânica de Anegada (Virgin Islands) quando aconteceu o naufrágio de um navio negreiro a caminho dos Estados Unidos. Ele ofereceu, então, às autoridades locais o mapeamento das águas costeiras (principalmente da entrada ao porto da ilha), temidas por causa de inúmeros recifes. Os resultados do levantamento (Schomburgk 1832), publicados no jornal da Real Sociedade Geográfica de Londres, chamaram a atenção dos diretores da instituição que, em 1834, o contrataram para coordenar uma expedição ao interior da colônia britânica de Guiana.

É preciso lembrar neste contexto que, embora brevemente ocupadas por tropas britânicas em 1781, 1796 e, novamente, em 1803, somente em 1814 as colônias holandesas de Essequibo, Demerara e Berbice foram formalmente integradas ao império colonial britânico com o nome de Guiana Britânica (Romero 1982, Ishmael 1998). Naquela época, essas partes da ‘costa selvagem’ encontravam-se ainda parcamente habitadas por umas poucas centenas de ‘homens livres’ (cerca de 300 brancos), de ascendência holandesa, inglesa e francesa (vide Richard Schomburgk 1847-48:34), donos de extensas plantações de cana-de-açúcar, tabaco e café, distribuídas ao longo da costa e dos cursos baixos dos grandes rios, além de uns 100 mil escravos africanos⁶.

Parece que a freqüente mudança de dono da colônia, ao longo das últimas duas décadas do século XVIII, pouco afetou a tranqüilidade da sua vida cotidiana. Mas quando vinte anos depois o império britânico decretou a abolição da escravidão também nas suas colônias (na Grã-Bretanha, ela já era proibida há décadas), isto sim causou repercussões

⁶ Não há informação sobre o número de indígenas.

dramáticas, pois grande parte dos já então ex-escravos abandonou imediatamente as plantações, provocando a ruína de muitos. Preocupada com esse desenrolar dos acontecimentos, a Real Sociedade Geográfica decidiu financiar um levantamento geral dos recursos naturais, das unidades produtivas (plantações) e da demografia da colônia, e chamou Robert-Hermann Schomburgk para coordenar os trabalhos.

Em 1835, o alemão desembarcou pela primeira vez na Guiana e durante os três anos seguintes percorreu a costa e o interior. Finalmente, em 1838, após uma rápida ‘visita de cortesia’ ao Forte de São Joaquim, ponto avançado de ocupação colonial portuguesa no alto rio Branco (atual estado de Roraima; vide Farage 1991), ele subiu o rio Cotingo (afluente do Tacutu; um dos formadores do rio Branco) até o pé do monte Roraima, de onde prosseguiu em direção oeste, ascendendo pelo rio Urariquera (outro formador) até além da ilha de Maracá, cruzou o divisor de águas entre as bacias dos rios Branco e Caura-Parágua, para finalmente descer o rio Ventuari até Esmeraldas, pequena cidade venezuelana na margem do alto Orenoco. De lá, voltou para Georgetown, via os rios Negro, Branco e Rupununi. A finalidade declarada dessa atrevida façanha – aliás, mal-interpretada por alguns autores brasileiros como “prospecção imperialista” (vide Reis 1968) – foi a de ligar os próprios dados astronômicos, levantados na Guiana e no norte de Roraima, com aqueles arrolados 35 anos antes por Alexander von Humboldt, no sul da Venezuela.

De Georgetown, Robert-Hermann embarcou rumo à Inglaterra (setembro de 1839), onde fez palestras – entre outras, sobre “o pensamento mágico” dos Wapishana – publicou vários mapas e pôs à venda uma ampla coleção de amostras geológicas, madeiras tropicais, assim como ‘objetos etnográficos’, além de plantas e animais vivos. Dessa vez, foi o Colonial Office (Ministério Colonial) da Grã-Bretanha que ficou impressionado com o alemão, tanto que o convidou para coordenar uma

outra expedição à Guiana, esta com a finalidade de elaborar *in situ* uma ‘proposta britânica’ visando a (futuras) negociações com o Brasil, a “Grande Colômbia” (os atuais Estados de Colômbia e Venezuela) e a colônia holandesa de Suriname sobre o curso exato das mútuas⁷ fronteiras.

Robert-Hermann aceitou novamente e, em 1840, esteve uma vez mais na Guiana, onde permaneceu até 1844, correndo incansavelmente o interior da colônia acompanhado por seu irmão Richard⁸, na função oficial de coordenador da “Primeira Expedição Geográfico-Botânica Prussiana no Interior da Guiana” (aliás, por recomendação de Alexander von Humboldt, a viagem de Richard foi financiada pelo próprio rei da Prússia). Segundo o contrato entre Richard e o Real Instituto Prussiano de História Natural, a finalidade da expedição, além de ‘etnográfica’, era colecionar plantas, amostras de madeira e minerais para o acervo da Real Sociedade, em Berlim.

Em 1844, Robert-Hermann voltou à Inglaterra, onde os seus esforços foram recompensados com a nacionalidade britânica, o título de “Sir”, e emprego no Foreign Office, ao qual serviu, posteriormente, em diversas funções em Barbados, na República Dominicana e até em Bangkok, antes de morrer, em 1865, em Schöneberg, Alemanha, perto de Berlim.

⁷ Na realidade, uma temática constante dos escritos de Robert-Hermann sobre a sua primeira estadia na Guiana foi justamente esta: da necessidade e da urgência da determinação do percurso exato da fronteira entre a colônia britânica e os seus vizinhos, principalmente com o Brasil (vide Rivièrre 1995, 1998).

⁸ Dos demais integrantes da expedição de Robert-Hermann e Richard Schomburgk (1840-1844), só Edward Goodall, um jovem aquarelista inglês e autor de impressionantes retratos de plantas, paisagens e habitantes indígenas (e outros) da Guiana, merece destaque. Uma seleção das suas obras foi recentemente republicada em Georgetown (Goodall 2002).

Richard Schomburgk, de sua parte, retornou inicialmente aos jardins reais da Prússia. Mas quatro anos depois, decepcionado com o fracasso da revolução burguesa alemã de 1848, ele emigrou para a Austrália (acompanhado por outro irmão, Otto), onde, após o fracasso de uma tentativa inicial como agricultor, tornou-se o fundador e o primeiro diretor do Jardim Botânico de Adelaide, cidade na qual faleceu aos 80 anos de idade. No que segue, nos fundamentaremos principalmente a publicação de Richard Schomburgk (1847) sobre a sua viagem (ao lado do irmão) no interior da Guiana e além, pois foi ela que influenciou sobremaneira o desenvolvimento do gênero literário dos “relatos de viagens científicos” na Alemanha e (via E.F. Im Thurn e Theodor Koch-Grünberg) a formação da paisagem étnica atual (classificação étnica; vide Frank 2002) circum-roraimense.

As Obras

As viagens de Robert-Hermann e Richard Schomburgk geraram uma ampla documentação que, pela importância que as atividades, as opiniões e os escritos (inclusive os mapas) do primeiro ganharam posteriormente nas querelas territoriais entre a Guiana Britânica, a Venezuela e o Brasil (vide Ojer 1969, Rivière 1995), mantém-se excepcionalmente bem preservada.

Para começar, da mão de Robert-Hermann nos vêm quatro *Reports* da sua primeira permanência na colônia britânica (1836, 1841a, b, c) e dois da segunda (1843, 1845), publicados (após indevida ‘edição’) pela Real Sociedade de Geografia de Londres, além do resumo dos resultados da sua pesquisa socioeconômica, publicado por ele próprio em 1840. Fora estas obras, há outras publicações mais especializadas, principal-

mente no campo da botânica. Contamos ainda com uma tradução para o alemão (também bastante editada) dos ‘Reports’ da viagem de 1835 a 1839 de Robert-Hermann que, acompanhada por dois mapas e uma extensa “Introdução” de autoria de Alexander von Humboldt, outro de seus irmãos, Otto Schomburgk, publicou em 1841, em Leipzig, Alemanha⁹. De Richard Schomburgk, finalmente, há um longo relatório, em três pesados volumes (1847-48) e com cerca de 1.800 páginas, das suas *Reisen in Britisch Guiana in den Jahren 1840 bis 1844* (*Viagens à Guiana Britânica, nos anos 1840 a 1844*), viagens estas na companhia de Robert-Hermann.

Todas essas obras, junto com dezenas de extensas cartas que Robert-Hermann Schomburgk mandou para as autoridades coloniais em Georgetown e Londres, delas recebendo outras tantas de volta, já foram amplamente discutidas por diversos autores. Porém, falta ainda uma análise detalhada da contribuição de ambos os Schomburgk à etnografia e à etno-história da Guiana e de toda aquela grande área cultural que Audrey (Butt)-Colson chama de “circum-Roraima” (Colson 1985), uma contribuição que, aliás, não pode ser entendida e avaliada corretamente fora da relação, íntima, intensa e prolongada dos irmãos com outro famoso viajante, naturalista e ‘cosmógrafo’ prussiano, Alexander von Humboldt.

Já registramos que Humboldt escreveu uma introdução à tradução dos *Reports* de Robert-Hermann Schomburgk que Otto Schomburgk traduziu e publicou em Leipzig, em 1841, na qual destacou o caráter

⁹ Além do mais, pelas circunstâncias acima referidas, grande parte da correspondência entre Robert-Hermann e as autoridades coloniais britânicas da época, tanto da Inglaterra como da Guiana, pode ser consultada atualmente pela internet (vide Guyana.org).

complementar à própria obra das viagens de Robert-Hermann¹⁰. Já mencionamos também que foi por iniciativa (petição) pessoal de Humboldt que o Rei da Prússia patrocinou a expedição de Richard Schomburgk em companhia do seu irmão, de 1840 a 1844. Finalmente, a constância e a intensidade da relação entre os irmãos Schomburgk (inclusive Otto¹¹) e Alexander von Humboldt estão comprovadas também por inúmeras cartas que intercambiaram ao longo de décadas, das quais muitas sobreviveram, felizmente, ao passar dos tempos.¹²

É claro que em função da diferença de idade e reputação científica, a relação entre Humboldt e os irmãos permaneceu sempre marcadamente desigual, com Humboldt no eterno papel de orientador intelectual, conselheiro (científico, e até privado) e, às vezes, *mecenas*, e os Schomburgk, com igual constância, no papel de alunos devotados, esforçando-se por fazer jus aos “favores” recebidos. Não pode haver dúvida quanto ao fato: foi com a leitura de Humboldt, principalmente da sua famosa *Voyage* (Humboldt & Bonpland 1808-34), que Richard e Robert-Her-

¹⁰ “Quase todas as partes das ciências naturais [Humboldt menciona diretamente a botânica, a zoologia, a geologia, a geografia e a etnologia] foram enriquecidas pelos trabalhos [realizados], ao longo de muitos anos, por Robert Schomburgk. [...] Mas a razão principal do [seu] empreendimento não foi [no âmbito da] história natural, mas sim – como determinado pela Real Sociedade Geográfica, em Londres, em 1834 – a conexão astronômica da costa da Guiana britânica com o ponto mais ocidental do alto Orenoco, para o qual [eu] havia levado os meus instrumentos [astronômicos]” (Otto Schomburgk 1841:XVII-XVIII).

¹¹ Num certo momento, quando Otto Schomburgk, ainda estudante, foi preso por supostas ‘atividades revolucionárias’. Imediatamente, Alexander von Humboldt pediu (e logrou) a sua liberação, através de uma carta dirigida diretamente ao Rei da Prússia.

¹² Como comentou um historiador da vida e da obra de Richard (e Otto) Schomburgk, após a sua emigração para a Austrália: “Alexander von Humboldt sempre gostou dos irmãos Schomburgk” (Weigl 2003; trad.: E.F.).

mann Schomburgk¹³ conseguiram a arte de transformar essa experiência na Guiana em textos. É preciso, pois, descontar a enorme influência de Humboldt sobre a estruturação e o estilo das obras aqui em questão para que se possa chegar aos ‘alicerces’ próprios, ao olhar etnográfico particular dos irmãos Schomburgk.

Mas que tipo de olhar é este, afinal?

A etnografia

Procura-se ainda em vão nas obras dos alemães uma ‘etnografia’, no sentido hoje clássico. O que há é uma infinidade de observações pontuais e, aqui e acolá, registros de variações no interior do ‘espaço étnico’ percorrido (principalmente no fenótipo, na língua e na cultura material dos povos indígenas da Guiana), mas falta até a ‘vontade’ de uma sistematização das informações em quadros mais abrangentes¹⁴. Afinal, é

¹³ Pelas circunstâncias da sua redação, finalidade e ‘natureza’, e até pela língua em que foram escritos, a influência da *Voyage* de Humboldt sobre os textos de Robert-Hermann é menos óbvia. Afinal, com exceção do livro de 1840 e dos ensaios botânicos, os demais textos foram escritos com o intuito central de prestar contas das suas atividades na Guiana aos seus contratadores ingleses. Mesmo assim, grande parte do percurso das viagens de Robert-Hermann pelas Guianas é compreensível somente se levarmos em conta a ‘vontade’ humboldtiana do seu idealizador.

¹⁴ Há, por certo, um princípio de sistematização que precisa ser comentado. Trata-se da aplicação sistemática de uma classificação étnica, fundamentada – centralmente – no critério de “povo igual a língua”. Mesmo não realizando nenhuma análise própria das línguas indígenas (e sendo, provavelmente, incapaz para tal), a sua classificação de grupos “étnicos” (tribos) na região (com a exceção das partes onde eles foram pioneiros; principalmente na fronteira sul da Guiana com o Brasil) descarta as classificações da maioria dos demais autores da época (e de tempos anteriores) que ainda costumavam indicar uma grande profusão de “tribos” (grupos locais e micro-regionais) em base de (diversas e cambiantes) classificação, obviamente correntes entre os seus informantes, fundamentas em crité-

sobretudo a cultura material indígena que capta o olhar etnográfico dos alemães. Neste sentido, eles registram meticulosamente, por exemplo, a altura, a extensão e os princípios de construção de uma casa; a localização das redes e das fogueiras no seu interior, junto com a descrição minuciosa de objetos que nela se encontram; a sua forma, a decoração e o material do qual são fabricados. Informam também sobre as pinturas corporais e os adornos ostentados por um índio, nessa ou naquela oportunidade, e o desenvolvimento de algum ‘ritual’, assim como as posições nele tomadas por atores e ‘espectadores’, casualmente presenciado em determinado lugar. Porém, só excepcionalmente eles tratam com algum detalhe momentos da cultura ‘ideal’ (religião, mitologia, imaginações, conhecimentos, valores) e/ou da organização social dos povos visitados. Na realidade, falta uma tentativa de análise da sistematicidade da cultura indígena, de um ‘padrão’ (no sentido de Ruth Benedict) ‘por trás’ do imediatamente visível.

rios políticas, e não (ou só secundariamente) lingüísticas. Aliás, quatro décadas depois, Everard Ferdinand ImThurn ainda lutava com a diferencia entre a classificação étnica “lingüística” dos irmãos Schomburgk e aquelas por ele mesmo registrados “no campo” (e fontes antigas), elaborando até um complexo modelo teórico-historiográfico, com a finalidade de reconciliar os dois (Drummond 1977, nota 1). É somente com Theodor Koch-Grünberg que o atual sistema de classificação étnica ganha plena aceitação (Frank 2002). Não sabemos, onde os irmãos Schomburgk encontraram o princípio da sua classificação e como lograram aplicá-lo com tanta firmeza (é a fonte mais provável). Mas, é interessante (significativa) que eles não lograram diferenciar os Macuxi daqueles que Im Thurn chama, quarenta anos depois, por primeira vez de “Patamona”, que – também contrário a ImThurn – eles não notaram a (quase) identidade entre as línguas dos “Aricuna” (Pemon) e os “Macuxi”, que, pelo menos Richard, parece não ter realizado a identidade entre os Akawaio visitados do na região do rio Barima e aqueles do alto Mau (Ingaricó) e que, uma vez saindo de regiões, previamente “conhecidas” pelas próprias fontes, principalmente Robert-Hermann Schomburgk abandona imediatamente o critério lingüístico, reproduzindo etno-classificações “locais” (menos abrangentes).

Mesmo assim, a mera quantidade das informações ofertadas cria no leitor atento a impressão de estar diante de uma verdadeira “etnografia regional”, nos limites do gênero dos ‘relatos (científicos) de viagens’, é claro, típicos da História Natural, até mesmo surpreendentemente completa, devido ao fato de que, no geral, os Schomburgk apresentam as suas observações pontuais como ‘fatos sociais’, isto é, características compartilhadas por todos os integrantes de um ou de vários ‘povos’¹⁵.

Após a observação da reação de um grupo local Macuxi¹⁶ à morte de um dos seus integrantes, Richard Schomburgk informa, por exemplo:

[...] os *Macusi* [em luto] tiram qualquer enfeite, pintam-se demonstrativamente com *Arnatto* [uma tinta preta, E.F.], cortam também o seu cabelo, e o sorriso não volta às suas caras, agora permanentemente sombrias, até que o cabelo alcance novamente certa altura (1847, vol. I:422, grifos meus).

Embora fixado de forma firme no imediatamente visível e casualmente testemunhado – generalizado em ‘costumes’ – o extraordinário (ou exótico, ou ‘pitoresco’) dos fatos, das cenas e dos eventos presenciados de maneira casual surpreende. Isto principalmente em Richard Schomburgk, dada a época, pela inusitada atenção aos detalhes, e pela capacidade de transformar o que havia sido experimentado de modo fortuito em ‘quadros’ ou em descrições surpreendentemente ‘densas’¹⁷. Para

¹⁵ Isto não é, por certo, apenas particular aos irmãos Schomburgk. Afinal, o ponto principal da crítica pós-moderna à etnografia clássica é justamente que também esta (a etnografia clássica, pós-malinowskiana) generalizou indevidamente experiências específicas em ‘representações’ não-comprovadas, e até não-comprováveis e improváveis (vide Clifford 1998 e Geertz 2005).

¹⁶ Para ‘somas’ da etnografia Warao, Aruak (Lokono) e dos “Macusi”, vide Richard Schomburgk (1847-48:162-74, 244-6, 358).

¹⁷ Richard Schomburgk não é, por certo, um ‘segundo Humboldt’. Sua capacidade de transformar o experimentado em ‘quadros escritos’ é limitada. Além do mais, como já observou Rivière (1995), há às vezes descuido com números, datas e a

dar outro exemplo, citaremos, a seguir, a descrição de Richard da rica ornamentação de um Akawaio, membro de um grupo de visitantes a uma comunidade da mesma tribo onde os expedicionários, liderados por Robert-Hermann, encontravam-se casualmente acampados.

Entre os Warrau, eu [Richard] já tinha encontrado diversos adornos pitorescos. Embora nunca antes tenha visto algo parecido com aquele quadro que se me apresentou aqui. Imaginem um homem, belo e forte, coroado com um fantástico chapéu de plumas [*Federhut*]; toda a cara coberta por inúmeras linhas finas em branco e vermelho, retangulares ou paralelas, uma acima da outra, sobre as quais caem as penugens, finas e brancas, do *Crax alector*, coladas à testa. Todo o corpo, inclusive as pernas, apresenta figuras retangulares, em preto e vermelho, enquanto os pés são coloridos em vermelho. A nuca, forte, e o igualmente musculoso peito estão enfeitados com colares (feitos) de dentes de macacos e da queixada [*Wildschwein*]. Num destes se encontram amaradas as asas esplêndidas do ‘pássaro do mel’ (*Nectarinia cocruela*), ou também do ‘escaravelho esplêndido’ (*Buprestiden*) [*Prachtkäfer*], caindo sobre as costas. Os tornozelos são amarrados com fios de sementes de *Thevetia nereifolia* (Juss.) que, a cada passo, emitem o som de timbres [...] (Schomburg, R. 1847, vol.I:205)

Na avaliação de citações como esta, é preciso levar em conta não somente a data da sua redação (início dos anos 40 do século XIX!), mas a enorme distância social e cultural que separava o mundo desses viajantes

cronologia de eventos, assim como uma tendência a ‘enriquecer’ a descrição de cenas e eventos, via a (inadvertida) ‘junção’ de observações, em lugares e em tempos distintos, e/ou a apresentação de relatos de terceiros como fatos (ou eventos) ‘presenciados’. Mesmo assim, a vontade (tipicamente ‘humboldtiana’, vide Siegel 2003 e Köchy 2002) de compor ‘quadros falados’ das suas experiências na Guiana faz do texto de Richard uma fonte etno-histórica, excepcional.

alemães daquele dos indígenas observados. E também o cansaço permanente de todos os integrantes da expedição devido ao desgaste físico e mental causado pelos seus deslocamentos quase diários, pelas enfermidades tropicais (principalmente as febres quase sempre presentes) e, no caso de nossos autores, as suas responsabilidades como coordenadores de uma equipe que contou algumas vezes com mais de 20 integrantes. Em vista de tais circunstâncias, é sobretudo a constância da sua postura de atentos observadores e o seu equilíbrio emocional, até diante de fatos e de práticas os mais inusitados, que se tornam particularmente admiráveis.

A casa se enchia mais a cada instante. Chorando e lamentando, as mulheres rodeavam a rede com o cadáver, de mãos dadas com as suas crianças que também choravam. Elas sacudiam a rede; levantando as mãos e emitindo gritos comoventes [...] Depois de um longo tempo em que as vizinhas [da falecida] se renderam à sua dor, elas começaram a intercalar a viva expressão dos seus sentimentos com breves canções, [nas quais] uma lamentava a perda da melhor amiga, outra elogiava a excepcional finura do fio de algodão que a finada tinha sabido fabricar, ou as belas panelas que ela costumava elaborar. Outras enumeravam [simplesmente] todos os hábitos positivos da defunta, terminando cada *elogium* com as palavras comoventes: "Asamanda! Asamanda!" ("Morto! Morto!"). Durante tudo isso, os homens, inclusive o viúvo, ficavam mudos e imóveis, sentados no chão [...] Finalmente, o filho [da defunta] se levantou, [abandonando] o círculo mudo [dos homens], e começou a escavar uma tumba no meio da casa (*ibid*:420).

Trechos como este ilustram bem o esforço dos Schomburgk de realmente entenderem, em vez de meramente 'julgarem', os estranhos (pitorescos), às vezes até chocantes, eventos casualmente vivenciados na Gui-

ana. Ora, procurando a causa da firmeza desta postura, a leitura atenta dos textos revela que, em última instância, ela se nutre da inabalável convicção de que a espécie humana em geral compartilha de uma única identidade profunda, uma ‘natureza’ invariável – a famosa “unicidade psíquica da nossa espécie” que, trinta anos depois, de Adolf Bastian tornará o princípio centra da sua *Völkerkunde*.

Cultura e “espécie”

É esta natureza compartilhada que, por exemplo, permite a Richard Schomburgk perceber as pinturas corporais e outros “enfeites” observados nos homens e nas mulheres indígenas da Guiana como outra expressão da mesma “ vaidade” (pan-humana) – igualmente aberrante, embora tolerável – nesses indígenas, nas mulheres inglesas ou nos “*Stutzer*” (os ‘*snobs*’) alemães. Ou ainda entender o *Kanaima* – homem, capaz de se transformar em onça e, como tal, cometer atos de inusitada violência – figura central do imaginário de todos os grupos indígenas da região. Todos esses aspectos constituem mera expressão, particular aos indígenas da Guiana (aberrante, mas compreensível, pois não apenas restrita a esses nativos), de uma sede universal, pan-humana, de “vingança”.

É, pois, via a astúcia que [o índio] tenta satisfazer a sua sede de vingança, que é a [verdadeira] fonte daquela fantasmagoria que o acompanha constantemente, em todos os seus caminhos e em todas as [suas] atividades, [e] que pesa como um pesadelo sobre a sua alma. É essa [fantasmagoria que] o faz fechar cuidadosamente a porta da sua casa, no início de cada noite, e cuja chegada ele acredita avisada através de qualquer ruído noturno inusitado. [...] Naqueles instantes, nos quais a sede de vingança faz o indígena atuar como *Kanaima*, ele

persegue sua vítima como uma cobra que se arrasta por baixo das folhas secas. Nunca a perde de vista [...] até [o momento em] que logra, finalmente, surpreendê-la dormindo. Então, ele coloca uma pequena quantidade de um pó nos lábios ou debaixo do nariz [da vítima]. Assim que [a vítima] inala [esse pó], uma forte dor queima os seus intestinos. Uma febre enfraquecedora, uma sede tantálica¹⁸ que não pode ser apagada – esses são os sintomas do envenenamento, entregando a vítima à certeza assustadora de que seus dias, até as horas, estão mesmo contados. Dentro de quatro semanas, o enfermo se reduz à pele e a ossos, e morre com as mais horríveis dores (*ibid*:322-23).

Mesmo acreditando firmemente na existência dos Kanaima e na crueldade dos seus atos, os Schomburgk não culpam os indígenas por este fato. Afinal, ‘criminosos’ há em todas as sociedades, e a sede de vingança faz simplesmente parte da natureza humana, isto é (numa terminologia própria da época), do ‘*Gattungscharakter*’¹⁹ da nossa espécie. O *Gattungscharakter* abrange todas as disposições e as capacidades do ser humano, como falar, pensar, amar, odiar etc. Mas, para os Schomburgk, tais disposições e/ou capacidades se manifestam, necessariamente, em

¹⁸ Tântalo, figura da mitologia grega.

¹⁹ Aproveitamos, neste e nos parágrafos seguintes, uma terminologia tomada da lingüística comparativa de Wilhelm von Humboldt [irmão de Alexander] (vide Frank 2005:265-8), reproduzida – com variações e particularidades – por muitos filósofos e “cientistas sociais” alemães, desde Herder, e que reaparece ainda em Adolf Bastian, como distinção entre *Elementargedanke* (idéia elementar) e *Volks-gedanke* (expressão específica que os *Elementargedanken* adquirem num determinado povo (vide Bunzl 1996, DasGupta 1990 e Fiedermutz-Laun 1983). Todas estas terminologias tentavam identificar e separar mas, no mesmo instante, também relacionar as conseqüências da natureza compartilhada por todos os seres humanos como membros da mesma espécie daquelas diferenciadoras, devido ao fato de que, individualmente, cada ser humano faz necessariamente parte de uma sociedade (e tradição cultural).

tradições e costumes específicos, particulares de conjuntos de indivíduos, isto é, de povos, constituindo o seu *Volkscharakter*, a sua identidade coletiva como ‘*Volk*’ (povo). Em outras palavras, o *Volkscharakter* particular de cada povo – (re)ações, posturas, idéias e sentimentos costumeiros dos seus integrantes – é expressão específica, pelo menos em parte, moldada pelo contexto concreto, a geografia (hoje diríamos, a ecologia do espaço ocupado) do *Gattungscharakter* dos seus integrantes que, como tal, se revela somente nestas ‘especificações.’

Mas, afinal, nem tudo observado nos índios e em outros indivíduos e grupos da Guiana foi registrado, avaliado e ‘perdoado’ pelos irmãos Schomburgk como simplesmente ‘humano, demasiado humano’ (Nietzsche). Não faltam também avaliações de (re)ações, posturas e até do aspecto de alguns deles, altamente críticas, etnocêntricas e até racistas, principalmente em relação a ações e a posturas de membros da população negra (ex-escrava) da colônia. Mas qual a diferença, então, entre aquilo que os Schomburgk entendem como expressão ‘estranha’ (mas perdoável) de um *Gattungscharakter* universal, e aquilo que nem tentavam entender como tal?

Como vimos, grande parte, e até diríamos a maioria, das mais estranhas (re)ações, posturas e opiniões observadas pelos Schomburgk nos povos indígenas da Guiana – como também em qualquer outra coletividade com a qual entraram em contato – são compreensíveis como tantas outras expressões específicas, social e historicamente, mas todas igualmente válidas, do *Gattungscharakter*, da eternamente invariável natureza de nossa espécie. Como tais, essas ações ‘estranhas’ dizem respeito ao *Volkscharakter*, à particularidade cultural do povo do ator e, nenhum ator, individualmente, pode ser responsabilizado por atos que fazem parte do seu *Volkscharakter*. Mas nem tudo o que um indivíduo faz expressa o *Volkscharakter* do seu grupo. Mesmo ‘culturalmente constituídos’, isto é, portadores de tradições culturais específicas, para os Schomburgk,

nenhum humano é meramente um cego executor de papéis culturalmente predefinidos. Outra característica do *Gattungscharakter* humano é justamente a capacidade de qualquer um poder simplesmente ignorar as tradições, os sempre (*a priori*) ‘bons’ costumes do seu povo²⁰. Aí reside a chave das severas críticas, ou caracterizações depreciativas, que os Schomburgk formularam, com freqüência, em face de indivíduos ou de conjuntos de indivíduos que, do ponto de vista dos alemães, ignoram (deliberadamente!) os ‘bons costumes’ dos seus respectivos povos, apresentando comportamentos e hábitos que os alemães consideram como ‘vícios’.

De tais vícios, os mais freqüentemente comentados (além de mentir, roubar e se embriagar) são a preguiça e o descuido (deliberado) com aquilo que lhe é próprio: a casa, as vestimentas e, sobretudo, o próprio corpo, incluindo-se as emoções, os gestos, as falas etc. Para os Schomburgk, tolerar a sujeira, descuidar do seu corpo (aspecto), não controlar a própria fala etc. – em qualquer sociedade ou cultura – é sempre a consequência de uma decisão deliberada e individual de ignorar os ‘bons costumes’; uma decisão em função da qual as pessoas podem e devem ser responsabilizadas. A responsabilidade de cada um com os próprios atos, o corpo, e a aparência, estende-se ainda a tudo aquilo que é socialmente definido e reconhecido como da responsabilidade da pessoa, como as suas posses materiais, os seus dependentes (filhos, esposa, subordinados a um chefe), e até os seus espaços privados, como mostram as freqüentes queixas sobre casas ‘mal construídas’ e redes ‘sujas’.

²⁰ Para os Schomburgk (seguindo o precário amálgama de Kant e Herder, de toda a filosofia idealista alemã), não há ainda qualquer contradição entre a idéia da ‘constituição cultural’ humana e a outra, a do ‘livre arbítrio’, como parte constitutiva do próprio *Gattungscharakter*. Só que, para os Schomburgk, todos aqueles que individualmente ou em grupo decidem ignorar os costumes do próprio povo põem, com isso, o *Volkscharakter* da sua coletividade em risco, iniciando (ou fomentando) a sua ‘decadência’ e, em longo prazo, até a extinção do seu povo.

Ser integrante de algum povo, compartilhar o seu *Volkscharakter* (e qualquer ser humano compartilha algum *Volkscharakter*), do ponto de vista dos Schomburgk, implica, pois, uma obrigação moral de se conformar com ele, de acatá-lo plenamente e de seguir de maneira incondicional as obrigações comportamentais (valores) por ele impostas²¹.

A ética burguesa

Ao analisar o conjunto de valores morais, éticos e estéticos, implícito no que os irmãos consideram ‘vício’ (em indivíduos e/ou grupos), o que mais chama a atenção é a sua semelhança e até a sua (quase) identidade com aquilo que, décadas depois, Max Weber analisaria magistralmente como ‘ética protestante’; uma ética que, no sistema normativo dos Schomburgk foi acrescida ainda pela estética do ‘classicismo’ do início do século XIX. Fundamentados neste amálgama ético-estético, os alemães julgaram, por exemplo, os Wapishana “excepcionalmente bonitos”, e justificaram tal avaliação citando a “retidão” da sua postura (no duplo sentido, tanto moral como estético), a “simetria perfeita” dos seus rostos e a confiabilidade das suas promessas. A semelhança dos valores éticos dos irmãos Schomburgk com a ética protestante, descrita por Max Weber (*cum* estética clássica), por certo, não é casual ou gratuita. Afinal, como os empresários de Weber, também os irmãos Schomburgk faziam

²¹ Isto implica, é claro, uma real e ilimitada confiança dos Schomburgk em todos os *Volkscharakter* como expressões histórico-locais viáveis (comprovadas como tais por uma mesma existência, isto é, pela história que os constituiu e os manteve até agora) do *Gattungscharakter* humano. Paralelamente, se expressa aqui também a sua profunda desconfiança no ‘livre arbítrio’, nutrida pela convicção conservadora de que a procura individual por ‘vantagens situacionais’, a satisfação ‘não costumeira’ das vontades (dos desejos e/ou necessidades ‘instintivos’ do *Gattungscharakter*) é a própria definição de ‘vício’.

parte daquela burguesia (norte-européia e, por isto, ‘protestante’, particularmente na Alemanha) que Weber analisa; mais especificamente – ao contrário dos empresários de Weber – do ‘Bildungsbürgertum’, a burguesia de educação²² alemã da época.

Mesmo que não apenas pertencente à Alemanha, foi somente nesse país que o *Bildungsbürgertum* – o conjunto dos *Bildungsbürger* – constituiu-se cedo como classe própria, oposta à burguesia clássica, comercial e empresarial. Na primeira metade do século XIX, o *Bildungsbürgertum* alemão foi, em sua maioria, composto por profissionais autônomos (como Robert-Hermann), o clero, sobretudo, mas não exclusivamente luterano (como o pai dos irmãos Schomburgk), administradores, secretários e grande parte do que hoje chamaríamos ‘servidores públicos’ (como Richard), ‘professores’ – que atuavam nas escolas públicas primárias, presentes naquela época em quase todas as vilas alemães, até os ‘mandarins’, os catedráticos das diversas universidades – e ainda muitos nobres por descendência, embora empobrecidos. A característica central dessa classe foi, é claro, a *Bildung* dos seus integrantes, conceito que no alemão da época não se limitava apenas à ‘educação formal’. Ao contrário, o

²² Como em nenhum outro país, talvez, a burguesia alemã dividiu-se, ao longo de todo o século XIX, em uma minoria (numérica) de comerciantes e empresários urbanos (que Weber enfoca principalmente pela ausência de uma marcada particularidade nacional, isto é, a sua semelhança com a burguesia comercial e empresarial que, na mesma época, implementou e dominou o modo capitalista de produção na Grã-Bretanha e em outros países norte-europeus, assim como nos Estados Unidos) e em uma ampla maioria de ‘pequenos’ burgueses. Esta minoria, urbana nos seus hábitos, mas sem qualquer capital e poder econômico, vivia da sua relação subserviente com a ‘nobreza’ (classe economicamente e, sobretudo, politicamente hegemônica nos mais de 200 mini-estados autônomos que, até 1870, compartilhavam o espaço da atual Alemanha) em função do seu ‘capital cultural’ (Bourdieu 1984), isto é, da sua *Bildung*. Ainda no final do século XVIII, este *Bildungsbürgertum* se tornou ideologicamente hegemônico em todo o espaço de língua alemã, com exceção da Prússia oriental e, talvez, do reino da Bavária (vide Conze & Kocka [eds.] 1985, Hein & Schulz [eds.] 1996, Hettling & Hoffmann [eds.] 2000, Kocka [ed.] 1987).

Bildungsideal (o conceito de *Bildung*) dessa classe trouxe como demanda e visou ao aperfeiçoamento sistemático, consciente e constante do *Charakter* por meio da dedicação total ao trabalho, do estrito autocontrole (disciplina, austeridade, ‘retidão’), assim como dos estudos permanentes, principalmente a leitura das melhores obras de filosofia e poesia, e a contemplação reflexiva da arte clássica. Filosoficamente ‘idealistas’, politicamente (na sua maioria, pelo menos durante a primeira metade do século XIX) liberais e ‘humanistas’, os *Bildungsbürger* alemães se entendiam como elite moral e cultural, tanto em relação ao ‘povão’ (trabalhadores rurais e urbanos), como em face da burguesia endinheirada, mas principalmente no que dizia respeito à nobreza alemã, vista como decadente.

Não há dúvida quanto à total identificação dos irmãos Schomburgk com este *Bildungsideal*. Em realidade, Robert-Hermann e Richard Schomburgk são representantes paradigmáticos da sua classe, tanto por sua herança familiar, como descendentes de várias gerações de pastores luteranos, como pelas suas profissões e carreiras – e até mesmo pelo curso geral das suas vidas²³ – mas, sobretudo, pela moral (ética e estética) que ostentaram em cada página das suas obras, e que informa um fenômeno curioso a cuja análise nós nos dedicaremos agora.

²³ É certo que, como já vimos, Robert-Hermann tentou inicialmente passar do *Bildungsbürgertum* para a outra fração da burguesia alemã da época, a ‘alta burguesia’, ou burguesia endinheirada, quando – ainda adolescente – em vez de ‘aperfeiçoar’ a sua *Bildung*, tornou-se aprendiz nos negócios de um tio. Mas, após o fracasso do seu primeiro negócio próprio (nos Estados Unidos), reorientou-se rápida e radicalmente, fazendo do seu ‘capital cultural’ a base da sua sustentação e carreira. Mesmo assim, Robert-Hermann é, sem dúvida, o menos típico *Bildungsbürger* dos irmãos Schomburgk, mais pragmático e mais ‘realista’ (principalmente em relação a questões financeiras) do que Richard ou Otto, até mesmo no estilo de escrever.

Beleza e vício

Talvez, o mais curioso momento da etnografia de ambos os Schomburgk é um estranho gradiente, ao mesmo tempo moral, ético e estético, que percorre, nos seus escritos, o espaço étnico guianense de então em direção leste-oeste; da costa para o interior, ou, mais concretamente, dos Warrao (que naquela época ocupavam um território que se estendia em direção sudeste muito além do atual) até os Macuxi e Wapishana, nas longínquas savanas do rio Branco, passando pelos Aruak, Caribes e Akawaio – nesta ordem²⁴. Segundo os alemães, na variação progressiva desse gradiente, diminuía a ‘preguiça’, a ‘falsidade’ (um estranho ‘gosto pela mentira’) e a ‘sujeira’, supostamente endêmicas entre os Warrao (e, em menor grau, também entre os Aruak e os Caribes), para desaparecer por completo entre os Macushi e os Wapishana. Paralelamente a isso, as fisionomias dos integrantes desses povos, quase sempre ‘feias’ quando se trata de índios da costa, tornavam-se até ‘belas’ nos grupos do interior; os corpos ‘se esticavam’ e ‘se proporcionavam’, e a cultura material, sempre ‘tosca’ entre os Warrao, acaba primando pela ‘beleza’ e ‘sofisticação técnica’ nos povos das savanas.

Ao entrar pela primeira vez em uma aldeia Akawaio (depois de semanas entre os Warrao e os Caribes da costa, e antes de conhecer os Macuxi e Wapishana), Richard Schomburgk anotou:

Os *Waikas* ou *Akawais* representam, sem dúvida, o tipo humano mais belo de todas as tribos [...] e superam os demais não somente

²⁴ Aliás, os Akawaio aparecem nos relatos dos irmãos com três nomes distintos. Há os “Waika”, no Barime e Cuyuni (principalmente); os “Akawoi”, no Mazaruni; e os “Serekong”, nos redores do monte Roraima. Setenta anos depois, os “Serekong” ainda apareceram na soma das tribos que, segundo Theodor Koch-Grünberg, habitam a região “circum-roraimense”, só que o termo identifica, segundo este autor, uma fração dialetal do povo Macushi (vide Frank 2002).

pela força da sua constituição física, mas também pela nobre e regular modelação das suas faces. Eles são, na sua maioria, delgados, geralmente de uma altura de quase seis pés, as extremidades fortes; [...] mesmo assim, [eles] mostram elasticidade, flexibilidade e agilidade nos seus movimentos que, até aquele momento, nunca tinham sido encontradas entre os índios. (1847-48, I:198)

Mas algumas semanas depois, após o seu primeiro encontro com os Macuxi, Richard mudou de opinião:

Os *Macusis* [...] pertencem às mais belas tribos da Guiana, assim como ainda constituem uma das mais numerosas. A sua cor da pele é, como aquela dos *Arawaaks*, bastante clara, e os seus rostos têm algo extremamente meigo e agradável, reforçado – em graus variáveis – pelos seus narizes romanos, gregos e mulatos[?]. O seu corpo é magro, em geral bem proporcionado. Quase todos os homens têm cabelo curto, e as mulheres o deixam cair, bem arrumado [*“sauber geordnet”*], sobre a nuca e os ombros, ou o juntam em longas tranças no alto da cabeça. A sua fala tem um tom extremamente agradável, à semelhança do francês, já que grande parte das suas palavras termina em *ong*, *eng* ou *ang* [...] Uma rara vantagem que [o *Macusi*] compartilha só com poucas tribos é o seu amor pela ordem [*“Ordnungsliebe”*] e a limpeza [*“Reinlichkeit”*]. A poligamia é permitida, mas é extremamente rara. (*ibid*:358)²⁵

Ora, ceder à tentação inicial de aceitar esse gradiente estético-moral como simples fato empírico, ou seja, como o reflexo fiel de uma reali-

²⁵ Aliás, os narizes ‘mulatos’ de alguns Macushi fizeram Robert-Hermann preferir a ‘beleza’ dos Wapishana.

dade étnica regional deveras diferenciada naquela época²⁶ pelos aspectos indicados, significaria, sem dúvida, cometer uma ingenuidade, pois ignoraria por completo a natureza não só ‘seletiva’, mas de fato **construída**, da percepção de todos nós. Porém, descartá-lo simplesmente como mera projeção pré-conceituada, sem qualquer fundamento no contexto etnográfico de então, não seria menos ingênuo. Afinal, como explicar que, mesmo em observadores tão atentos, tal preconceito tenha logrado ‘sobreviver’ à (sem dúvida inúmera) evidência empírica do seu contrário?²⁷ Em realidade, parece-nos fácil demais taxar o referido gradiente (em alguns ou em todos os seus aspectos) de simplesmente preconceituoso. É preciso procurar a razão efetiva da sua ‘invenção’.

Inicialmente, é preciso constatar que os próprios Schomburgk insistem na origem recente de tal gradiente, suposta consequência do contato dos povos indígenas da colônia com a civilização européia, mais prolongada e intensa nas tribos costeiras, e supostamente ausente no interior. Mas há pouca evidência – e os próprios escritos dos alemães frequentemente desmentem isso de maneira clara – tanto para a suposta e cons-

²⁶ Só um exemplo a mais: nos últimos dias de junho de 1840, quando os Schomburgk alcançaram a primeira aldeia Akawaio, Richard anotou imediatamente com aprovação que ela “era composta de seis amplas casas, em vivo contraste com as lamentáveis construções [de Warrao e Caribes] que vi [ainda] nesta tarde [...] não somente pela sua agradável construção, mas também pelo seu aspecto e a sua extrema limpeza. Esta impressão agradável foi ainda reforçada pela aparência dos seus habitantes; depois de mais de um mês de permanência entre os sujos Warrau, a limpeza das pessoas, de suas crianças e de todo o seu mobiliário causou uma impressão muito favorável entre nós” (*ibid*: 196).

²⁷ Se observarmos, por exemplo, de acordo com este aspecto, os quadros de Edward A Goodall, artista da expedição de Robert-Hermann de 1840 a 1844, que mostram faces, torsos ou corpos inteiros de integrantes específicos das diversas tribos da Guiana, ou também as suas aquarelas, que retratam o interior de diversas malocas (casas), ou mesmo aldeias inteiras, nem as caras (ou os corpos) dos Macushi e dos Wapishana se destacam, nem parece haver muita diferença na arrumação dos interiores ou na ‘limpeza’ das casas (Goodall 2002).

tante presença (ou influência) de ‘civilizados’ nas tribos costeiras, como também para a possível ausência de tal presença e influência nos grupos do interior da Guiana. Isto se sempre descontarmos como ‘evidência’, é claro, casas ‘mal construídas’, praças ‘sujas’, fisionomias ‘feias’ e os corpos ‘moles’ dos integrantes de grupos costeiros²⁸. Em realidade, segundo os próprios Schomburgk, não-índios eram extremamente raros em todas as aldeias por eles visitadas, tanto na costa como no interior. Havia, por certo, alguns poucos, mas as observações dos alemães não nos permitem constatar se eles eram mais comuns nas aldeias indígenas costeiras ou nos cursos altos do Essequibo, do Rupununi e até do Tacutu. De fato, quantidades impressionantes de machados, facões, miçangas e outros itens de fabricação ‘européia’ (inclusive algumas escopetas) foram encontradas nas malocas dos Warrao, dos Caribes e dos Aruak. Segundo os próprios Schomburgk, tais objetos já se faziam quase igualmente presentes nas malocas dos Macuxi, dos Wapishana e dos Arikuna (Pemon). Finalmente, se acreditarmos na recente (etno)-historiografia da região (vide Farage 1991; Rivière 1995, 1984; Whitehead 1988), o contato e a interação dos povos do interior da região foram (quase) tão ‘antigos’ e intensos na costa quanto no interior da Guiana desde os tempos dos holandeses, o que provocou mudanças profundas em ambas as regiões ainda nos séculos XVII e XVIII.

Ora, há indícios (em conformidade com muitos outros viajantes naturalistas da época) de que no momento da sua chegada à Guiana os Schomburgk já ‘esperavam’ encontrar as tribos costeiras da colônia em

²⁸ Em diversas ocasiões, os próprios Schomburgk confessaram livremente certa dificuldade de enxergar muita dessa civilização, até mesmo em Georgetown ou nas sedes das fazendas, únicos pontos avançados dessa mesma civilização na colônia, nessa época.

um “avançado estado de decadência”²⁹. Mas mesmo que esta suspeita fosse confirmada, tal expectativa não resolveria por completo o enigma. Em primeiro lugar, por que as suas observações *in situ* nunca foram capazes de derrubar, ou minimamente matizar, tal pré-conceito? Em segundo lugar – levando-se em conta as distâncias reais e a baixa frequência de contatos diretamente testemunhados pelos próprios Schomburgk entre povos indígenas da costa e do interior da Guiana, e da cidade de Georgetown (ponto avançado da civilização ocidental na Guiana então) – por que, para eles, as influências nefastas da civilização haviam causado maior estrago justamente nos Warrao, se as aldeias dos Aruak e dos Caribes, em sua maioria, situavam-se mais próximas desta cidade?

Obviamente, não foi a distância *em si* (medida em milhas ou quilômetros) que, aos olhos desses testemunhos, tornou a influência de Georgetown – e da civilização européia lá concentrada – tão particularmente aguda (e nefasta) no caso dos Warrao, menos destrutiva no caso dos Caribes e dos Aruak, e até quase ausente entre os Macuxi e Wapishana. Mais relevante parece ser a relativa facilidade e rapidez com que as aldeias dos Warrao foram alcançadas pelos alemães ou, mesmo, os formidáveis obstáculos que os Schomburgk precisaram superar até chegarem às primeiras aldeias dos ‘distantes’ Macuxi e Wapishana. Enquanto a comitiva, liderada pelos irmãos, alcançava as mais longínquas aldeias dos Warrao (já próximas à boca do Orenoco), em viagens de alguns dias ou semanas ao longo da costa, sem qualquer problema, ela gastava semanas e meses inteiros na subida dos rios Essequibo e Rupununi, em viagens

²⁹ “Todos os indícios que colecionamos ao longo de nossa convivência com esses ‘homens sem lágrimas’ indicam claramente que o presente destes autóctones constitui a cena final *daquele imenso drama que se renovará em qualquer lugar onde a civilização européia entrará ou já entrou*” (Richard Schomburgk 1847-48, I:70, grifos E.F.).

extremamente difíceis e cansativas por causa de inúmeras cachoeiras e outros obstáculos, até chegar à primeira maloca Macuxi³⁰.

Assim, parece que foi a relativa facilidade e/ou dificuldade de acesso aos territórios dos diversos povos indígenas na Guiana que, projetada sobre o passado da região, ‘confirmou’ a expectativa dos Schomburgk em relação aos distintos graus de influência nefasta da ‘civilização européia’ sobre povos, afinal, quase tão próximos de ou expostos a tais influências. Tudo isso, por certo, não responde à pergunta a respeito da surpreendente imunidade das expectativas dos Schomburgk a qualquer correção pelas suas experiências. Mas uma solução deste problema é sugerida pela análise comparativa dos encontros e da convivência dos alemães e de toda a sua comitiva com os grupos locais indígenas da costa e do interior.

Enquanto os alemães e a sua equipe seguiam a linha costeira ou navegavam pelos cursos baixos de rios que cruzavam a planície costeira da Guiana em busca de malocas indígenas (principalmente dos Warrao), o desenvolvimento dos encontros com os indígenas da região e a convivência da comitiva com os grupos locais contatados mostraram um constante esforço dos líderes da expedição, principalmente de Robert-Hermann, de ‘manter a iniciativa’, controlar a situação por meio da imposição dos termos reais da interação com os índios.

³⁰ Curiosamente, os próprios alemães ofereceram a melhor evidência para uma surpreendente frequência de ‘visitas’ de (grupos de) índios do interior da Guiana a Georgetown. Por exemplo, enquanto em 1841 eles subiam os rios Essequibo e Rupununi para chegar à aldeia macuxi de ‘Pirara’ (na divisa de águas entre o Rupununi e o rio Maú, afluente do Tacutu, na bacia do rio Branco), vários encontros com indivíduos e grupos Macushi e/ou Wapishana aconteceram. Eles seguiram viagem rumo a Georgetown (ou vieram de lá) e, em Pirara, os Schomburgk se encontraram com um numeroso grupo de Yekuana, oriundos do rio Ventuari, afluente do Orenoco, que tinham o mesmo destino.

Eram sinais disso os acampamentos, freqüentemente a certa distância da aldeia visitada, a elaboração e a imposição aos índios de horários e pautas de reuniões, sem consulta prévia, e a fixação da hora de distribuição de 'brindes', assim como o controle das quantidades destes. Outro sinal claro era a habitual recusa da comitiva de negociar os preços dos víveres fornecidos pelos índios ou também o valor da mão-de-obra indígena (carregadores, remeiros etc.). Em geral, os indígenas costeiros reagiam a essa postura com passividade e distanciamento. Alguns simplesmente 'sumiam' das aldeias visitadas, outros chegavam atrasados ou nunca iam às reuniões, e poucos honravam, afinal, os compromissos solenemente compactuados. Mas todos se lamentavam constantemente (ao que tudo indica, de maneira preventiva) da falta 'momentânea' de víveres solicitados por seus "hóspedes" (farinha, carne, peixes), e inventavam inúmeras desculpas quando os alemães tentavam encontrar guias ou remeiros entre eles³¹. Em vista de tudo o que escrevemos em parágrafos anteriores sobre a ética protestante dos Schomburgk, não deveria ser surpresa para ninguém que tudo isto fosse considerado prova irrefutável do avançado estado de decadência moral dos índios costeiros.

Em vivo contraste com tais circunstâncias, desde o momento em que aparecia no horizonte de uma aldeia macuxi ou wapishana a comitiva dos Schomburgk, ela era submetida a uma hospitalidade 'ritualizada', ditada (e controlada) em todos os seus detalhes pelos índios, principalmente pelas lideranças locais. Eles eram acompanhados até a praça da aldeia, onde acontecia uma saudação formal demorada. Em seguida, os 'brindes' eram distribuídos pelos chefes locais, que decidiam quem e o quanto receberia cada índio presente. Posteriormente, indicava-se a cada integrante da comitiva um espaço dentro de uma das casas da aldeia e,

³¹ Não eram raros pequenos furtos, principalmente em relação àquilo que os seus visitantes não se dispusessem a 'negociar'. Nos grupos do interior, os Schomburgk sempre destacam, ao contrário, a sua total 'honestidade'.

durante toda a sua permanência, cada passo deles era vigiado por uma multidão que simplesmente nunca saía dos seus calcanhares. As refeições eram comunais, tanto aquelas preparadas pelos hóspedes, como as preparadas pelos seus anfitriões. As reuniões ocorriam no horário e no lugar ‘tradicionais’ e eram organizadas e conduzidas pelos chefes locais.

Ora, o surpreendente em tudo isto não é que os Macuxi e os Wapishana tivessem e praticassem essa maneira ‘tradicional’ de lidar com visitantes, até mesmo tipos tão estranhos como esses alemães. O que realmente surpreende é que, nas longínquas savanas do Rupununi, os Schomburgk nem tentassem ‘manter a iniciativa’ e, inclusive, aceitassem ser dominados através dessa forma de ‘hospitalidade ritualizada’ como ‘prova’ irrefutável da suposta ‘pureza cultural’ dos seus anfitriões! Digo que isto surpreende porque há muitos indícios nos textos dos alemães de que também os índios do litoral tentavam com frequência ‘se relacionar’ com os seus visitantes de uma maneira ‘tradicional’ ou ‘ritualizada’. Só que, nesses casos, os Schomburgk simplesmente ignoravam tais sinais!

Mas, então, por que esta diferença?

Distância e poder

Parece-nos que, neste caso, a distância de Georgetown foi mesmo decisiva. Porém, mais uma vez, não a distância em milhas e quilômetros, mas uma distância subjetiva, conforme as chances reais da comitiva de, caso necessário, salvar a expedição (e as vidas dos seus participantes) recorrendo ao poder colonial e solicitando ajuda, desde víveres, vestimentas e embarcações até ‘força de trabalho’ (remeiros) e milícias.

Na realidade, recorrer à administração colonial (em Georgetown) era uma opção sempre aberta, e freqüentemente aproveitada, mesmo nos

pontos mais distantes da planície costeira da Guiana. As embarcações costeiras (com vela) podiam chegar àquela cidade em poucos dias e muitas vezes nem era necessário chegar lá. Bastava alcançar a plantação mais próxima. Mas nas viagens ao interior, uma vez superadas as primeiras cachoeiras que separam a planície das partes montanhosas a sudoeste, não havia mais fazendas e solicitar ajuda da administração colonial em Georgetown tornava-se uma opção plenamente ilusória. Isto porque, até mesmo no médio Essequibo e/ou no baixo Rupununi – e em circunstâncias favoráveis: águas nem demasiado baixas, nem torrenciais – qualquer comunicação com Georgetown precisava no mínimo de uma semana para chegar a esta cidade, e qualquer socorro a ser encaminhado de lá não podia ser esperado em menos de um mês³².

Mas isto não é tudo. Uma vez fora da região costeira, já nos cursos médios dos rios que descem do interior, os expedicionários se movimentavam em um espaço cada vez menos conhecido, até pelos mais experimentados dos seus integrantes, o que tornou a expedição rapidamente dependente dos conhecimentos da população indígena regional para a tomada de decisões, como: Que braço do rio há de se escolher? Como contornar melhor este ou aquele obstáculo? Onde acampar? etc.

Finalmente, mesmo que na região costeira a comitiva dos alemães sempre procurasse suplementar as suas provisões, trazidas de Georgetown, com produtos dos grupos locais (sobretudo farinha, carne e peixe),

³² O que de fato estamos sugerindo aqui é que enquanto seguem pela planície costeira, os Schomburgk movimentam-se (subjetivamente) em um espaço considerado, de alguma maneira, ‘próprio’ (ou ‘da Grã-Bretanha’), onde o poder colonial é dominante e ‘responsável’, enquanto nos territórios dos Macuxi e dos Wapishana, eles se **sentem** em “terras (no país) dos indígenas”. Ou seja, na costa, os Schomburgk percebem-se ‘no comando’ e, nas savanas do Rupununi, eles são meros hóspedes. No espaço intermediário, tanto o seu autoposicionamento como as suas reações diante dos índios (Caribes e Aruak) são ambíguos, dependendo de fatores situacionais (subjetivos). Mas esta é uma idéia que precisa, por certo, ser mais elaborada.

somente no interior eles se tornavam efetivamente dependentes de tais suplementos. Isto devido ao fato de que as suas embarcações (canoas), nessas viagens menores do que aquelas feitas pela costa, costumavam sair de Georgetown já sobrecarregadas dos homens e do equipamento técnico dos alemães, deixando pouco espaço para as provisões.

Talvez muito mais importante do que tudo isso, os Schomburgk também sentiam no interior da Guiana a necessidade de estabelecer e manter ‘boas relações’ com os índios regionais porque, ao penetrarem em um espaço cada vez menos conhecido, aumentava proporcionalmente o seu medo de encontros imprevistos com alguma ‘tribo’ desconhecida e hostil, ou – já nas margens do Essequibo – com caçadores (brasileiros) de escravos! Por certo, os textos dos Schomburgk, na sua grande maioria escritos após o final ‘feliz’ dos seus empreendimentos, ou em momentos e lugares relativamente seguros (como na aldeia macuxi de Pirara, por exemplo, ou na missão “Bartica Point”), raras vezes revelam diretamente tais preocupações. Mas as mudanças na postura dos alemães diante dos índios, a maneira oposta com que tratavam os índios da costa, e ‘se deixavam tratar’ pelos Macuxi e pelos Wapishana do interior, deixam pouca margem a dúvidas. Uma vez fora da planície costeira, a crescente incapacidade dos alemães de recorrerem, em caso de necessidade, ao poder colonial em Georgetown para vencerem qualquer obstáculo que ameaçasse o êxito da sua missão – isto é, a realização plena das suas metas – a sua progressiva desorientação e concomitante dependência dos moradores regionais e o medo de encontros com ‘inimigos’ (imaginados ou reais) reforçavam constantemente a disposição dos Schomburgk de ‘se entregarem’ à boa vontade e à iniciativa dos indígenas, e também de reconhecerem esta boa vontade como ‘prova irrefutável’ do *Volkscharakter* desses índios, ainda não ‘estragados’ pela civilização.

Cosmografia e Völkerkunde

Há algo de interesse em tudo isto para quem não pertence ao reduzido círculo de especialistas em história e etnografia (e em etnografia historiográfica) da Guiana, do norte de Roraima e do extremo sudeste da Venezuela? Acreditamos que sim.

Nosso próprio interesse pelo olhar etnográfico dos irmãos Schomburgk foi despertado quando, há alguns anos atrás, nos demos conta da sua enorme importância na formação da visão da ‘paisagem étnica’ de Roraima, a qual Theodor Koch-Grünberg (1872 a 1924) apresenta em *Vom Roroima zum Orinico* (1916-28) e, ainda, de forma resumida, no ensaio *Die Völkergruppierung zwischen Rio Branco, Orinoco, Rio Negro e Yapura*³³. Há aí uma constância no olhar que vai desde a ênfase na documentação detalhada do imediatamente visível e ‘observável’ (muito mais detalhada, é claro, em Koch-Grünberg), à custa da organização social e do ‘imaginário’ dos povos indígenas observados, até os valores que informam as críticas de pessoas e de ações nada raras nos Schomburgk e em Koch-Grünberg. Ora, a íntima relação entre os naturalistas alemães da primeira metade do século XIX e do etnógrafo do início do século seguinte não é, por certo, nem direta ou pessoal (como entre os Schomburgk e Humboldt), mas ela se anuncia através da relação ‘genética’ que existe entre o projeto científico da Völkerkunde alemã e aquele de ‘história natural’ orientado por Alexander von Humboldt.

A Völkerkunde alemã que, na década de 60 do século XIX, foi criada por Adolf Bastian (filho de um comerciante de Bremen, médico de formação e incansável viajante e etnógrafo) com a publicação de obras como *O Homem na História* (*Der Mensch in der Geschichte*, 1860) e *Os*

³³ Este importante ensaio foi recentemente publicado (junto com outro ensaio da mesma época do biólogo Ernst Ule) pelas editoras da UFAM e do INPA, em Manaus (2006).

povos da Ásia Oriental (*Die Völker des Östlichen Asiens*, 1866-71), a implementação de uma seção de Etnologia e Antropologia dentro da *Gesellschaft für Erdkunde* (central de todas as Sociedades de Geografia no espaço da língua alemã da época), a transformação da coleção etnográfica da casa real da Prússia em Museu Alemão de Etnologia (o atual Museu Etnográfico de Berlim), a instituição da Sociedade de Antropologia, Etnologia e Pré-história (em 1869, também em Berlim), e o início da publicação do jornal desta sociedade, *Zeitschrift für Ethnologie* (tudo: Koeping 1983:10-11) constituem, claramente, um prolongamento da tradição holística (e humanista) da ‘História Natural’, representada por Alexander von Humboldt.

Há de se lembrar neste contexto que a *Völkerkunde* de Bastian foi a última (e, afinal, a melhor sucedida) de várias iniciativas de se criar, no âmbito acadêmico alemão da época, uma ciência ‘nova’, dedicada à análise comparativa dos modos de vida humana em sociedade, epistemologicamente orientados (como era Humboldt!) para uma combinação do ‘transcendentalismo’ de Emmanuel Kant e do ‘culturalismo (romântico)’ de Johann Gottfried Herder³⁴. A idéia norteadora de todas essas iniciativas foi justamente a que encontramos presente nos escritos dos irmãos Schomburgk. Há uma diferença ‘ontológica’ entre a espécie (o *Gattungswesen*) e os diversos modos históricos humanos de ser, viver e entender o seu ‘mundo’ (hábitos, costumes, tradições), como expressão da constitui-

³⁴ Como já vimos nas páginas anteriores (*pace* Zammito 2002), tanto os viajantes naturalistas como aqueles que, nas décadas acima indicadas, fundaram uma ciência nos termos por nós descritos, raras vezes entenderam o “transcendentalismo” de Kant e o “culturalismo” de Herder como paradigmas incomensuráveis. A suposta impossibilidade da sua junção foi uma posição desenvolvida e defendida pelos chamados neo-kantianos somente na metade do século XIX, aliás, com o claro intuito de defenderem as ciências ‘sociais’ contra os avanços do positivismo-empirismo das ciências naturais da época.

ção psicossocial (coletiva) dos integrantes de povos distintos (o seu *Volkscharakter*).

As mais importantes iniciativas neste sentido foram – além das geografias de Ritter e, posteriormente, Ratzel – as ‘psicologias sociais’ (*Völkerpsychologien*) de Lazarus, Steinthal e Wundt³⁵, em comparação com as quais a proposta de Bastian foi, talvez, a mais conservadora (mas, quem sabe, por isso mesmo, também a melhor sucedida), no sentido de ser mais direta e claramente ligada à História Natural de Humboldt e aos seus discípulos, principalmente à maneira dos *Völkerkundler* de fazer ‘etnografia’, de transformar as suas pesquisas em textos, e de interpretar (entender) a natureza dos seus ‘dados etnográficos’.

Não obstante a sua enorme importância histórica³⁶, a *Völkerkunde* alemã constitui, sem dúvida, a ‘escola nacional’ antropológica menos

³⁵ Por um lado, é claro, essas iniciativas fizeram parte do processo de especialização no interior da História Natural que, ao longo dos séculos XVIII e XIX, deu origem, entre outros, à biologia (zoologia e botânica, pós Linnaeus), à geologia (pós Lyell), além da ‘filosofia da história’ (idealista, alemã). Por outro lado, a cosmografia de Humboldt constituiu um projeto científico decididamente contrário à tal especialização, propagando uma documentação e uma análise holística da ‘realidade’ como um todo. Paradoxalmente, parece que o projeto holístico de Humboldt e dos seus seguidores (entre eles, os Schomburgk) ficou, afinal, enfraquecido justamente pelo êxito espetacular das suas melhores exemplificações: a *Voyage* (Humboldt e Bonpland 1808-34) e a *Cosmografia*, do próprio Humboldt. Considerados por muitos simplesmente ‘insuperáveis’, parece que estas obras convenceram, finalmente, até mesmo os muitos simpatizantes dos pressupostos (ontológicos e epistemológicos) de Humboldt da necessidade de se concentrarem em problemas específicos, ‘deixados em aberto’ por este autor. Entre eles, a causa e/ou o significado da diferença nos modos de ser e viver, de pensar e sentir entre os integrantes da ‘civilização’ (os [norte]-europeus) e os integrantes de povos não-ocidentais, particularmente aqueles que Waitz (1859) identificou como ‘*Naturvölker*’.

³⁶ Basta lembrar que Franz Boas, fundador do ‘culturalismo’ norte-americano, e também alguns dos ‘antropólogos da primeira hora’ no Brasil fizeram parte (ou, minimamente, se inspiraram nas obras) desta escola.

entendida (e estudada) dos tempos iniciais da nossa ciência³⁷, colocada por muitos num nebuloso espaço ‘anterior’ à formação de uma antropologia ‘deveras’ científica.

Mas nada poderia ser mais errado, pois no âmbito acadêmico alemão a *Völkerkunde* alemã foi, durante décadas, a única alternativa à antropologia evolucionista (positivista), reinando suprema na Inglaterra e nos Estados Unidos. Também no ‘sociologismo’ francês de Durkheim e família esta alternativa encontrou não somente o seu ‘objeto de estudo’ e ‘problema’ na cosmografia humboldtiana, como os seus pressupostos paradigmáticos (convicções ontológicas e epistemológicas). Entre estes está a distinção entre a ‘natureza biofísica’ da espécie humana (o seu *Gattungsscharakter*) e as expressões infinitamente variáveis, no espaço e no tempo, daquela particularidade da nossa espécie que é o *Geist*³⁸ (espírito) – este último sempre coletivo, antes (num sentido ontológico e histórico) de ser ‘individual’ (comparar Buchheit 2002, DasGupta 1990 e Fiedermutz-Laun 1983).

A principal divergência entre as acima identificadas tentativas de criar uma (nova) ‘ciência’ dedicada à análise deste *Geist* coletivo (os *Volkscharaktere*) e à descoberta das causas da sua variabilidade e de suas mudanças históricas foi a ênfase com que um e outro dos seus proponentes procuraram tal ‘causa’ em um de três contextos alternativos: a geografia, a história (de contatos e da ‘difusão’ de idéias) ou as supostas

³⁷ Até há quem chegue ao absurdo de tachar os integrantes desta escola de ‘evolucionistas’ e, inclusive, ‘racistas’, como fizeram Paulo Santilli e Nadia Farage na sua Introdução à recente tradução do primeiro volume de *Vom Roroima zum Orinoco* (2006).

³⁸ O termo *Geist*, na filosofia idealista alemã, pouco tem a ver com ‘assombrações’ (*Gespenster*) ou com a ‘alma’ humana (*Seele*). Trata-se do *locus*, ao mesmo tempo coletivo e individual, da capacidade (e da necessidade) única em nossa espécie de pensar e sentir e de criar ‘visões’ (sempre coletivas) do mundo, indispensáveis para poder existir e nele viver ‘humanamente’.

‘leis’ inerentes à própria ‘razão’ humana (Bastian, sem dúvida, deu mais ênfase ao terceiro aspecto, mas não descartou nenhum dos outros dois). Todas estas alternativas já se encontravam claramente pré-formuladas no olhar etnográfico dos viajantes naturalistas pós-humboldtianos, entre eles os Schomburgk, desde a “unicidade psíquica da humanidade” e a distinção entre *Naturvölker* e *Kulturvölker* (inclusive a idéia de ‘incomensurabilidade’ histórica dos primeiros em face dos últimos), até a ênfase na distinção ontológica entre a ‘cultura’, entendida como força determinante por trás dos ‘fenômenos culturais’ empíricos, e as expressões empíricas dessa ‘força’ em posturas, hábitos, ações e objetos etnográficos.

Como procuramos mostrar, esta pré-figuração da ‘*Völkerkunde*’, através do ‘olhar etnográfico’ de naturalistas viajantes da primeira metade do século XIX, não pode ser explicada somente em função de uma tradição (nacional) ‘filosófica’ comum, não obstante a sua importância. Ela foi também consequência de uma ‘continuidade sociológica’ (identidade de classe) que conectou os ‘naturalistas’ da primeira metade do século XIX com os *Völkerkundler* da segunda metade. Afinal, os integrantes de ambos eram *Bildungsbürger*, tanto de nascimento como de ‘*Weltanschauung*’!

Bibliografia

BASTIAN, Adolf. 1860. *Der Mensch in der Geschichte*. Leipzig: Wigand.

_____. 1866-71. *Die Völker des östlichen Asiens: Studien und Reisen*. Leipzig: Wigand.

BOURDIEU, Pierre. 1984. *Distinction: A Social Critique of the Judgement of Taste*. Harvard: Cambridge University Press.

BUCHHEIT, K.P. 2002. *Die Verkettung der Dinge: Stil und Diagnose im Schreiben Adolf Bastians*. Heidelberg: Universität Heidelberg. (MS)

- BUNZL, Matti. 1996. "Franz Boas and the Humboldtian Tradition". In STOCKING JR., George W. (ed.): *Volksgeist as Method and Ethic*, pp. 17-78. Madison: University of Wisconsin Press.
- CLIFFORD, James. 1998. *A experiência etnográfica*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- COLSON, Audrey (Butt). 1985. "Routes of Knowledge: An Aspect of Regional Integration in the Circum-Roraima Area of the Guiana Highlands". *Antropologica*, 63-64:139-49.
- CONZE, Werner & KOCKA, Jürgen (eds.). 1985. *Bildungsbürgertum im 19. Jahrhundert*. Stuttgart: Klett-Cotta.
- DAS GUPTA, Tapan Kumar. 1990. *Von Kant zu Bastian: Ein Beitrag zum Verständnis des Wissenschaftskonzeptes von Adolf Bastian*. Hamburg. (edição privada)
- DRUMMOND, Lee. 1977. "On Being Carib." In BASSO, Ellen B. (ed.): *Carib-Speaking Indians*, pp. 76-88. (Anthropological Papers of the University of Arizona, 28) Tucson: University of Arizona Press.
- FARAGE, Nadia. 1991. *As muralhas dos sertões*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FAULHABER, Priscila. 1997. "Nos varadouros das representações: redes etnográficas na Amazônia do início do Século XX." *Revista de Antropologia*, 40(2):101-43.
- FIEDERMUTZ-LAUN, Annemarie. 1983 [1970]. *Der Kulturhistorische Gedanke bei Adolf Bastian: Systematisierung und Darstellung der Theorie und Methode mit dem Versuch einer Bewertung des Kulturhistorischen Gehaltes auf dieser Grundlage*. Wiesbaden: Steiner.
- FRANK, Erwin H. 2002. "A construção do espaço roraimense, ou: os Taupéang existem mesmo?" *Revista de Antropologia*, 45(2):287-310.
- _____. 2005. "Viajar é preciso". *Revista de Antropologia*, 48(2):559-584.
- GEERTZ, Clifford. 2005. *Obras e vidas*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ.
- Geocities.com. (Guyana – Historic Events)
(<http://geocities.com/TheTropics/Shores/9253/History.html>; consultado em 23/09/2001)
- GOODALL, Edward A. 2002. *Sketches of Amerindian Tribes 1841-1843*. Oxford: Macmillan.

- Guyana.org. *History of the Republic of Guyana: Robert Schomburgk: An Early Scientist in Guyana*. (<http://www.guyana.org/suriname/schomburgk.html>) (consultado em 24/12/2005)
- HARRIS, Marvin. 1970. *The Rise of Anthropological Theory*. New York: Thomas W. Crowell.
- HEIN, Dieter & SCHULZ, Andreas (eds.). 1996. *Bürgerkultur im 19. Jahrhundert: Bildung, Kunst und Lebenswelt*. München: C.H. Beck.
- HERMANNSTÄDTER, Anita. 2002. "Symbole kollektiven Denkens: Adolf Bastians Theorie der Dinge." In Staatliches Museum zu Berlin (Hrsg.): *Deutsche am Amazonas - Forscher oder Abenteurer? Expeditionen in Brasilien 1800-1914*, pp. 44-55. Berlin, Münster: Lit/ SMPK.
- HETTLING, Manfred & HOFFMAN, Stefan-Ludwig (eds.). 2000. *Der bürgerliche Werthimmel: Innenansichten des 19. Jahrhunderts*. Göttingen : Vandenhoeck & Ruprecht.
- HUMBOLDT, Alexander von & BONPLAND, A. 1808-34. *Voyage aux régions équinoxiales du Nouveau Continent, fait in 1799, 1800, 1801, 1802, 1803, et 1804*. (23 vols.) Paris.
- IMTHURN, E. F. 1883. *Among the Indians of Guiana*. London: Keegan.
- ISHMAEL, O. [1998]. *The Trail of Diplomacy: A Documentary History of the Guyana-Venezuela Border Issue*. (www.guyanaca.com; consultado em 05/02/2006)
- KOCH-GRÜNBERG, Theodor. 1916-1928. *Vom Roroima zum Orinoko*. 5 vols. Berlin: Dietrich Reimer.
- _____. 2006. *A Distribuição dos povos entre rio Branco, Orinoco, rio Negro e Yapurá*. (tradução: Erwin H. Frank) Manaus: Editora UFAM.
- KOCKA, Jürgen (ed.). 1987. *Bürgertum und Bürgerlichkeit im 19. Jahrhundert*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.
- KÖCHY, Kristian. 2002. "Das Ganze der Natur: Alexander von Humboldt und das romantische Forschungsprogramm." *HiN – Humboldt im Netz*, vol. III, 5. (http://www.uni-potsdam.de/u/romanistik/humboldt/hin/hin5/inh_koechy.1.html; consultado em 13/02/2004)
- KOEPPING, Klaus Peter. 1983. *Adolf Bastian and the Psychic Unity of Mankind*. St. Lucia: University of Queensland Press.

- KRAUS, Michael. 2001. "Aspekte de ethnologischen Amazonienforschung um die Wende vom 19. zum 20. Jahrhundert." In WOLFF, Gregor (ed.): *Die Berliner und Brandenburgische Lateinamerika-Forschung in Geschichte und Gegenwart: Personen und Institutionen*, pp. 293-311. Berlin: Zentralstelle Lateinamerikaforschung.
- _____. 2004. *Bildungsbürger im Urwald: Die deutsche ethnologische Amazonienforschung 1884-1929*. Marburg: Curupira. [veja resenha neste número]
- LANDSBERG, H. 2000. "Auswanderer und Gartendirektor: Die naturkundliche Kollektion von Richard Schomburgk." *Der Tagesspiegel* (Berlin), 15/10/2000.
(<http://www2.hu-berlin.de/hzk/theatrum/deutsch/presse/artikel5.html>; consultado em 23/09/2001)
- LOWIE, Robert H. 1937. *The History of Anthropological Theory*. New York: Rinehart & Co.
- marcano.freesevers.com: Sir Robert Hermann Schomburgk: El 'Consul', (<http://marcano.freesevers.com/nature/biografia/schomburgk.html>; consultado em 24/12/2005)
- MIDDLEMANN, Raoul F. 1976. "Schomburgk, Moritz Richard (1811-1891), Botanist." In *Australian Dictionary of Biography* (NAIRN, Bede, ed.), pp. 91-2. Melbourne: Melbourne University Press.
- MÜHLMANN, Wilhelm. E. 1948. *Geschichte der Anthropologie*. Bonn.
- OJER, Pablo. 1969. *Robert H. Schomburgk: Explorador de Guyana y sus Lineas de Frontera*. Caracas: Universidad Central.
- PENNIMAN, T. K. 1970. *A Hundred Years of Anthropology*. New York: International University Press.
- PENNY, H. Glenn. 1999. *Cosmopolitan Visions and Municipal Displays: Museums, Markets, and the Ethnographic Project in Germany, 1868-1914*. Ann Arbor: UMI.
- _____. 2002. *Objects of Culture: Ethnology and Ethnographic Museums in Imperial Germany*. Chapel Hill: University of South Carolina Press.
- _____ & BUNZL, Matti (eds.). 2003. *Worldly Provincialism: German Anthropology in the Age of Empire*. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- REIS, Arthur César Ferreira. 1968. *A Amazônia e a cobiça internacional*. Rio de Janeiro: Editora Nacional.

- RIVIÈRE, Peter. 1984. *Individual and Society in Guiana*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. 1995. *Absent-Minded Imperialism: Britain and the Expansion of Empire in the Nineteenth-Century Brazil*. London: Tauris.
- _____. 1998. "From Science to Imperialism: Robert Schomburgk's Humanitarianism." *Archives of Natural History*, 25(1):1-8.
- ROMERO, M. de G. *Estudio histórico de la Guyana Británica de descubrimiento a la formación del movimiento independentista*. Mérida: Lib. Universitaria Fundacipaol.
- RÖSSLER, Gustav. 1939. "Der Anteil der deutschen völkerkundlichen Forschung an der Entdeckung und Erforschung des tropischen Südamerika vom Ende des 19. Jahrhunderts bis zum Beginn des Weltkrieges." In PLISCHKE, Hans (ed.): *Göttinger Völkerkundliche Studien*, pp. 268-288. Leipzig: Otto Harrasowitz.
- SANTILLI, Paulo & FARAGE, Nadia. 2006. "Introdução." In KOCH-GRÜNBERG, Theodor: *Do Roraima ao Orinoco*, vol. 1, pp. 11-20. São Paulo: Edusp.
- SCHADEN, Egon. 1980. "Contribuição alemã à Etnologia Brasileira." In: *III Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros* (Separata). Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- _____. 1993. "Pioneiros alemães da exploração etnológica do Alto Xingu." In COELHO, Vera Penteado (org.): *Karl von den Steinen: um século de antropologia no Xingu*, pp. 109-30. São Paulo: Edusp.
- SCHOMBURGK, O. (trad. e ed.). 1841. *Robert Hermann Schomburgk's Reisen in Guiana und auf am Orinoko während der Jahre 1835-39*. Leipzig: Georg Wigand. (inglês: *Robert Hermann Schomburgk's Travels in Guiana and on the Orinoco during the Years 1835-1839*; tradução: Walter E. Roth; Georgetown, 1931)
- SCHOMBURGK, Richard. 1847-48. *Reisen in Britisch-Guiana in den Jahres 1840-1844*. (3 vols.) Leipzig: Breitkopf und Härtel. (inglês: *Travels in British Guiana, 1840-1844*; tradução: Walter E. Roth; Georgetown, 1922)
- SCHOMBURGK, Robert-H. 1832. "Remarks on Anegada." *Journal of the Royal Geographic Society*, II:152-70.
- _____. 1836. "Report of an Expedition into the interior of British Guiana." *Journal of the Royal Geographical Society*, VI:224-84.

- _____. 1840. *A Description of British Guiana, Geographical and Statistical; Exhibiting Its Resources and Capabilities, together with the Present and Future Condition and Prospects of the Colony*. London: Simpkin, Marshal & Co.
- _____. 1841a. "Report of the Third Expedition into the Interior of Guayana, Comprising the Journey to the Sources of the Essequibo, to the Carumá Mountains, and to Fort São Joaquim, on the Rio Branco: in 1837-8." *Journal of the Royal Geographical Society*, X:159-90.
- _____. 1841b. "Journey from Fort San Joaquim, on the Rio Branco to Roraima, and thence by the River Parima and Merewari to Esmeralda, on the Orinoco." *Journal of the Royal Geographical Society*, X:191-247.
- _____. 1841c. "Journey from Esmeralda, on the Orinoco, to San Carlos and Moura on the Rio Negro, and thence by Fort San Joaquim, to Demarara, in the spring of 1839" *Journal of the Royal Geographical Society*, X: 248-67.
- _____. 1843. "Visit to the Sources of the Tacutu, in British Guiana, in the year 1842." *Journal of the Royal Geographical Society*, XIII:18-75.
- _____. 1845. "Journal of an Expedition from Pirara to the Upper Corentyne, and from thence to Demarara." *Journal of the Royal Geographical Society*, XV:1-104.
- SIEGEL, E.M. 2003. "Repräsentation und Augenschein: Organisation des Wissens und Wahrnehmung des Fremden um 1800 am Beispiel der Reiseberichte und -tagebücher Alexander von Humboldts." *HiN – Humboldt im Netz*, vol. IV, 7 (http://www.uni-potsdam.de/u/romanistik/humboldt/hin/hin7/inh_siegel.html; consultado em 13/02/2004)
- STOCKING, Jr., George W. (ed.). 1996. *Volksgeist as Method and Ethics*. (History of Anthropology, 8) Madison: University of Wisconsin Press.
- Virtualogy. *Virtual American Biographies: Robert Herman [sic!] Schomburgk*. (<http://famousamericans.net/roberthermanschomburgk>; consultado em 09/06/2002)
- WAITZ, Theodor. 1859. *Anthropologie der Naturvölker*. Leipzig: Gerland.
- WHITEHEAD, Neil. 1988. *Lords of the Tiger Spirit*. Dordrecht: Foris.
- WEIGL, Engelhard. 2003. "Acclimatization: The Schomburgk Brothers in South Australia." *HiN – Humboldt im Netz*, vol. IV, 7. (http://www.uni-potsdam.de/u/romanistik/humboldt/hin/hin7/inh_weigl_1.htm)

ZAMMITO, John H. 2002. *Kant, Herder, and the Birth of Anthropology*. Chicago: University of Chicago Press.

Recebido em julho de 2007

Aprovado para publicação em agosto de 2007